



SEÇÃO TEMÁTICA

Fundamentalismo cristão digital: as expressões e reproduções da verdade segura na era digital

Digital christian fundamentalism: the expressions and reproductions of secure truth in the digital age

João Décio Passos*

Resumo: O conceito “fundamentalismo digital” quer designar o fenômeno político-religioso atual que ancora e redimensiona a interpretação fundamentalista clássica da Bíblia nas dinâmicas digitais. Embora faça parte de um fenômeno cultural mais amplo que envolve todas as construções humanas que se deslocam, inevitavelmente, do *off-line* para o *on-line*, o fundamentalismo encontra nas dinâmicas digitais um ambiente com o qual se afina com seu modo de crer e de operar. Os modos de adesão e reprodução da verdade nas chamadas “bolhas digitais” confirmam e reforçam a postura crente fundamentalista como regime de verdade dogmático. A hermenêutica fundamentalista centrada na seletividade do texto e a partir de pressupostos previamente adotados rege a nova dinâmica no espaço público, para além das estritas confessionalidades. A reflexão descreve esse deslocamento do fundamentalismo original do início do século XX e com sua prática intraconfessional para o mundo digital com suas práticas supraconfessionais e, notadamente, político-religiosas. A constatação da afinidade entre cultura digital e hermenêutica fundamentalista constitui o eixo central da reflexão. O fundamentalismo digital se mostra por meio de novos tipos que são descritos ao final da reflexão.

Palavras-chave: Bíblia; era digital; fundamentalismo; hermenêutica; política.

Abstract: The concept of "digital fundamentalism" refers to the current political-religious phenomenon that anchors and redefines the classic fundamentalist interpretation of the Bible within digital dynamics. Although it is part of a broader cultural phenomenon encompassing all human constructs that inevitably shift from offline to online, fundamentalism finds in digital dynamics an environment with which it aligns its way of believing and operating. The modes of adherence to and reproduction of truth in so-called "digital bubbles" confirm and reinforce the fundamentalist believer's stance as a dogmatic truth regime. Fundamentalist hermeneutics, centered on the selectivity of the text and based on previously adopted assumptions, governs the new dynamics in the public sphere, beyond strict confessional boundaries. This reflection describes this shift from the original fundamentalism of the early 20th century, with its intraconfessional practice, to the digital world with its supraconfessional and notably political-religious practices. The observation of the affinity between digital culture and fundamentalist hermeneutics constitutes the central axis of this reflection. Digital fundamentalism manifests itself through new types, which are described at the end of the reflection.

Keywords: Bible; digital age; fundamentalism; hermeneutics; politics.

* Livre docente em Teologia (PUC-SP, São Paulo-SC). Professor Associado da PUC-SP (São Paulo-SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4390-0423>.

Introdução

A reflexão tem como objeto a presença da hermenêutica fundamentalista, com seus métodos e conteúdos, dentro da lógica virtual, mediante a atuação deliberada de grupos e tendências político-eclesiais. O conceito de fundamentalismo aqui adotado situa-se na sua expressão cristã e evita deliberadamente entrar em outras expressões contemporâneas. A hermenêutica fundamentalista digital é tão antiga quanto nova, e adquire nesse novo ambiente força máxima, em termos de alcance e reprodução sociais, indo muito além dos velhos espaços intraconfessionais com seus pressupostos dogmáticos. As redes sócio-virtuais têm levado à máxima potência a “mudança estrutural da esfera pública” detectada por Habermas (2014). As análises de Habermas de trinta anos atrás não supunham tamanha transformação, na qual as centralidades do indivíduo e da massificação comporiam conjuntamente uma inédita configuração do espaço público, com novos sujeitos ocultos e anônimos, individualizados e agrupados, localizados e universalizados, e com um “sujeito” tecnológico, o Algoritmo, acionado pela Inteligência Artificial. A dialética entre a intimidade publicizada e o público individualizado rompe com todas as fronteiras estabelecidas pelo processo civilizacional e ensaia de modo assustador retornos aos isolamentos tribais, por meio dos grupos fechados em suas bolhas de afinidades.

Nesse espaço cibernético-social, o fundamentalismo é executado e produz posturas públicas como tudo o que cai na rede, parafraseando com liberdade o provérbio popular: “o que cai na rede virtual é peixe político”. Se no passado a relação entre leitor crente e texto bíblico necessitava por razões comunicacionais e, até mesmo, por motivos sagrados, do conjunto de livros físicos denominado Bíblia, hoje as referências bíblicas vão se tornando digitais e inseridas na lógica dos Algoritmos que focam e selecionam a leitura de modo a reforçar posturas cada vez mais homogêneas do ponto de vista ideológico-religioso (Salgado, 2019, p. 38). No ambiente virtual, o fundamentalismo exercita e amplifica suas funções sociais reproduzidas na endogenia grupal, como regime de verdade que dispensa a verificação e que, por esta razão, se apresenta como verdade normativa para os adeptos. A história do fundamentalismo é longa e conhece distintas fases. Vivenciamos a última delas, que vem revelando peculiaridades a partir daquelas posturas clássicas. A tradição fundamentalista ganhou o espaço público virtual e nele tem encontrado o chão fértil para sua germinação e seu avanço em escala global. Seria possível pensar em uma postura fundamentalista geral que incluiria todas as expressões religiosas e políticas conservadoras que se assentam sobre a crença em uma verdade única e fixa. Essa tendência mostra suas operações e força no mundo digital. No entanto, o foco da reflexão será a hermenêutica fundamentalista clássica, com suas transformações digitais. O avanço histórico dessa hermenêutica revela sua capacidade de universalização e encontra nas plataformas digitais um lugar fértil para atuar e agregar adeptos.

A postura fundamentalista

A postura fundamentalista pode ser olhada e, até mesmo, definida por vários ângulos: como reação ao processo de modernização, como descreveu em uma grande narrativa Karen Armstrong (2001), como postura dogmatista que se estende para além do universo religioso (Boff, 2002), como negação da mediação científica necessária para a interpretação bíblica (Tamayo, 2004) e, ainda, como postura política sectária que se define em oposição aos demais indivíduos e grupos e adota a violência como regra (Pace, 2017).

Em todas as perspectivas reside uma orientação religioso-política que distingue os verdadeiros dos falsos, postura que se traduz na distinção entre os salvos e os condenados e, no limite extremo, na guerra dos primeiros contra os segundos na missão de eliminação do mal. Contudo, para além desse leque amplo e dessa postura extrema, o fundamentalismo permanece como um modo de interpretar as fontes por parte de sistemas de crenças que tem sido amplamente praticado por segmentos cristãos de diversas confissões nos tempos atuais. Como todo movimento, o fundamentalismo vai sendo reconstruído no decorrer do tempo e incorpora novas estratégias de transmissão de seus credos e métodos.

O fundamentalismo compôs a história de um modo próprio de interpretar as fontes de fé de um grupo: textos ou tradições sagradas. Na perspectiva fundamentalista, a verdade eterna é revelada por Deus e se encontra fixada em narrativas acessíveis aos fiéis. Todo fiel está habilitado pelo próprio Deus a acessar, interpretar e comunicar sua verdade e, por conseguinte, sua vontade nos dias de hoje. O leitor interpreta a narrativa religiosa com a garantia de autenticidade e de exclusividade, quando esta se identifica com a verdade e fornece, objetivamente ao leitor, uma autoridade hermenêutica inquestionável.

Nessa perspectiva, o sujeito que lê é tragado pela objetividade da verdade e se oculta com seus pressupostos interpretativos. Assim, a sequência *verdade-narrativa-leitura* estrutura as posturas fundamentalistas de ontem e de hoje. A sequência real de todo ato interpretativo *sujeito-texto-interpretação* é ocultada em nome de uma verdade imediata revelada e identificada com o código que a transmite; não somente o texto é sagrado, mas também a leitura, uma vez que a revelação de Deus ocorre em ambos os polos. A interpretação fundamentalista é exercitada, portanto, a partir de alguns pressupostos básicos que podem ser mencionados: a) como visão monista que identifica narrativa com revelação (literalidade e sentido) e, por conseguinte, com a interpretação. É sempre Deus comunicando sua verdade por meio do texto lido e interpretado; b) como visão totalizante: a totalidade revelada em qualquer fragmento de uma narrativa selecionada; c) como leitura seletiva que escolhe narrativas específicas em função das motivações/visões do indivíduo; d) como visão atemporal ou anacrônica, o texto comunica uma verdade eterna e, portanto, sempre presente e atuante; e) como resistência a ou negação de qualquer formulação ou verdade que se apresente como divergente ou oposta às verdades reveladas pela narrativa; f) como mensagem normativa que deve ser praticada na realidade atual.

No fundo do processo hermenêutico fundamentalista reside não somente a fé na revelação, mas, também na eleição divina. O dom da eleição capacita os indivíduos/grupos a lerem e a interpretar os textos e a própria realidade como exercício seguro de posse da verdade oferecida por Deus. O intérprete fundamentalista é sempre um veículo utilizado por Deus para acolher e divulgar seus planos para a humanidade.

A longa história do fundamentalismo e suas adaptações

O fundamentalismo digital não representa em si mesmo uma dinâmica inédita na história de mais de um século do movimento original. Embora pareça contraditório com o propósito de posse de uma verdade fixa, o movimento trilhou um caminho de progressão desde sua organização, na primeira década do século XX na América do Norte. Nasceu como reação à modernização do protestantismo, de modo particular em relação ao impacto das ciências (naturais e históricas) sobre os ensinamentos bíblicos, assim como sobre a assimilação das ciências no estudo dos textos bíblicos por meio da então denominada “alta crítica”.

A volta ao fundamento (*The Fundamentals*) da fé cristã era uma volta à verdade fundamental e inerrante por estar contida no texto sagrado e, por conseguinte, a uma verdade segura que dispensava e negava as falsas verdades oferecidas pelos tempos modernos, particularmente pelas ciências que concorriam com narrativas bíblicas (Torrey, 2005).

Como bem expressa o nome do movimento, a verdade revelada, contida no texto, identificada com o texto e autoexplicativa pelo próprio texto, constituía o fundamento eterno e atemporal de toda a realidade e, fora deste epicentro, não haveria verdade a respeito da origem e do fim de todas as coisas e do caminho moral a ser seguido pelo ser humano, sob a pena de padecer a condenação eterna. A proposta hermenêutica não constituía uma mera técnica de leitura do texto, mas, antes de tudo, uma hermenêutica da salvação eterna revelada e oferecida por Deus à humanidade por meio dos textos bíblicos.

O movimento fundamentalista acompanhou as mudanças sociorreligiosas do século XX, de modo particular aquelas que foram construídas no ambiente sociorreligioso estadunidense. O princípio da “simbiose criativa” proposto por Emilio Ferrín (2018) para compreender a evolução histórica das tradições religiosas se aplica com propriedade aos processos religiosos do protestantismo nos EUA. O fundamentalismo teve seu início em um movimento elitista, protagonizado por pastores munidos de cultura teológica, e nos ambientes eclesiais firmou-se como postura hermenêutica que foi ganhando adeptos no decorrer da primeira metade do século passado.

A simbiose com igrejas de confissões e vertentes diversas foi ocorrendo de forma crescente, a ponto de constituir um jeito de ler a Bíblia e de ler a realidade cada vez mais corrente e constituir, em alguma medida, uma marca de várias tradições protestantes norte-americanas. A expansão e consolidação do movimento trilhou uma dinâmica de popularização (para além do núcleo original), de internacionalização (através das igrejas

que se expandem pelo planeta), de midiaticização (por meio das mídias clássicas) e de politização (ao propor uma política centrada em modelos bíblicos).

Esquemáticamente, pode-se verificar, portanto, uma cronologia: 1ª) Fase original (centrada em igrejas que assumiram o movimento); 2ª) Fase de expansão interconfessional (adesão de igrejas protestantes históricas de distintas matrizes confessionais e de novas igrejas fundadas na América do Norte); 3ª) Fase de pentecostalização (quando as igrejas pentecostais adotam com naturalidade a hermenêutica do movimento); 4ª) Fase de consolidação e disseminação (como paradigma comum utilizado pelas igrejas históricas, pentecostais, incluindo o catolicismo); 5ª) Fase de mundialização (expansão a partir das missões norte-americanas); 6ª) Fase de politização (como paradigma utilizado pela teologia política neopentecostal); 7ª) Fase de digitalização (uso generalizado do paradigma pentecostal nas redes digitais, sobretudo com a chamada teologia do domínio (Cf. Pereira, 2023).

No mundo digital, o retorno aos supostos fundamentos colocados em risco ou corroídos pela modernidade é politicamente possível e eficiente. Nesse ambiente, as narrativas mais diversas encontram espaço e modos de operação e reprodução, sendo, portanto, o fundamentalismo mais uma narrativa legítima. O critério hermenêutico da leitura individual, herdeiro, por um lado, de uma interpretação individualista do chamado livre exame das origens da reforma protestante e, calcado, por outro, em pressupostos da dogmática cristã¹, encontra nos ambientes virtuais seu espaço mais fecundo e universalizante. Aí o fundamentalismo se afina com as posturas crentes dos fiéis usuários e oferece suas interpretações seguras da realidade atual, marcada pela distinção entre o *endo* e o *exogrupo*. A era digital já se encontra tecnicamente consolidada, em franca ebulição cultural e politicamente em guerra. Por dentro de suas dinâmicas virtuais se fundem no mesmo regime massificante o indivíduo e o grupo.

O chão comum da crença

A hipótese da reflexão (fundamentalismo digital) afirma uma afinidade entre os sistemas de crença: o sistema fundamentalista e o sistema das próprias bolhas sócio-virtuais. São dois modos de crer que se afinam ou se retroalimentam em um sistema maior, regido pela crença na verdade segura. A postura comum da crença que acolhe uma verdade formulada em um texto e desencadeia endogenias grupais constitui o dado mais básico que afina o fundamentalismo com as dinâmicas culturais digitais: a) como comunidade autorreferenciada que reproduz suas verdades próprias; b) como operação centrada no indivíduo receptor/reprodutor da mensagem; c) como verdade expressa imediatamente na verbalidade manifesta; d) portanto, na identificação entre formulação escrita e verdade, que dispensa mediações técnicas para a decodificação; e) como palavra verdadeira que se impõe por si mesma e não necessita da dúvida nem como princípio e

1 A inerrância verbal da Escritura, a divindade de Cristo, seu nascimento virginal, a doutrina da expiação vicária e a ressurreição corporal quando da segunda vinda de Cristo. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1993.

nem como método; f) como verdade proveniente de uma fonte segura por si mesma; g) como palavra proveniente de uma fonte superior investida de poder; h) como palavra exclusiva que dispensa outras narrativas como verdadeiras; i) como palavra normativa que exige adesão dos seguidores por se tratar de uma verdade inquestionável; j) como verdade que exige reprodução: molda os comportamentos grupais.

Além dessas afinidades cognitivas, o processo de estruturação social digital comumente designado como “bolhas” (Santaella, 2019, p. 13-14; Ferrari, 2018) pode assumir dinâmicas políticas de isolamento e rejeição das diferenças consideradas ameaçadoras. O medo do outro, as fobias, as guerras culturais e narrativas de ódio têm encontrado nas bolhas digitais um espaço natural de construção e reprodução. A separação entre os falsos e os verdadeiros, os bons e os maus, integra o espaço público digital (Gomes, 2025) como dinamismo legítimo que rompe com os consensos básicos da convivência humana. Como ocorre nos sistemas de crença de um modo geral, as bolhas digitais revelam tendências constituídas sobre alguns pilares ou dinamismo sociopolíticos já detectados por estudiosos clássicos ao tratarem dos grupos nacionalistas estruturados a partir do isolamento e da oposição aos inimigos no século passado: a) como comunhão emocional que dispensa críticas racionais sobre seus conteúdos e posturas (Paxton, 2023); b) um processo cognitivo que inclui um modo de operar cognitivamente centrado na palavra do líder e não na verificação racional (Arendt, 2000); c) como mecanismos de socialização que vincula indivíduo-grupo de modo inseparável nas regras da psicologia das massas (Freud, 2011); d) como processo de tribalização que retorna a modelos de convivência pré-civilizacionais (Popper, 1958) e) como grupo autocentrado que distingue a comunidade de pertença daqueles que estão de fora dela (Allport, 1971).

A essas abordagens ainda inspiradoras para nossos dias acrescentam-se a observação de estudiosos atuais. As bolhas se mostram como: a) dinâmica centrada no individualismo que opera pelo critério da homofilia (Santaella, 2018); b) crença em uma verdade unitária e totalizante (Charaudeau, 2022); c) identidade grupal que, por se distinguir das demais, afirma atitudes de rejeição e eliminação dos diferentes (De Empoli, 2020); d) ambiente reprodutor de mentiras/verdades na lógica da pós-verdade (Finchelstein, 2020); e) reprodução de narrativas de ódio dentro da lógica da guerra cultural (Rocha, 2021).

Byung-Chul Han entende os *influencers* digitais como líderes religiosos que “se comportam como se fossem redentores” seguidos por discípulos fiéis.

Os seguidores participam, assim, de uma *eucaristia digital*. Mídias sociais se assemelham a uma igreja: *Like é amém. Compartilhar é comunicação. Consumo é redenção*. A repetição como dramaturgia do *influencer* não leva ao tédio e à rotina. Ao contrário, dá ao todo o caráter de uma liturgia (2022, p. 18).

As redes sociovirtuais constroem impérios de crença (Sim, 2010) que acolhem e fecundam credos implícitos e explícitos. Os negacionismos, os maniqueísmos e as conspirações que se mostram como regras da perspectiva das bolhas virtuais são, antes de tudo, modos de crer, sem os quais as bolhas perderiam seu poder de coesão.

Os negacionismos estão longe dos clássicos questionamentos epistemológicos que duvidam de modo radical ou metodológico das verdades formuladas, sempre em nome

da verdade mais coerente. Eles operam como negação do evidente em nome de uma suposta verdade (nem sempre clara, mas sempre presente) que nega por si mesma o que a tradição racional e a política assumiram como parâmetros consensuais de interpretação da realidade e como normas da convivência.

A distinção entre o nós e os outros institui a conhecida lógica tribal que separa o endogrupo do exogrupo como realidades antagônicas do ponto de vista cultural e humano; o resultado é a distinção entre os amigos e os inimigos, e a postura heterofóbica que termina por justificar a eliminação dos inimigos como não humanos. As conspirações contra os inimigos concluem sempre na criação e execução dos bodes expiatórios. Se for verdade que os mecanismos expiatórios acompanharam o processo civilizatório controlando a violência intestina nas suas expressões mais cruas de eliminação do semelhante, como expôs René Girard (1990, 34-42; 362-376) as bolhas virtuais atuais têm, de fato, retrocedido à lógica tribal que configura a condição de grupo eleito (Popper, 1958, p. 25; 194) e recria as velhas heterofobias e as guerras culturais e religiosas.

O digitalismo fundamentalista e o fundamentalismo digital

O fundamentalismo passou de uma história lenta para uma história acelerada de modo emblemático na era digital. Tem se apresentado como narrativa que compõe a dinâmica das redes digitais, como hermenêutica religiosa praticada no espaço público reconfigurado pelas tecnologias digitais. É no amálgama feito de intimidade e vida pública (Cruz-Stefani, 2019, p. 83) que o fundamentalismo tem encontrado um espaço fecundo que aciona o indivíduo intérprete dos textos sagrados e os pressupostos biblicistas dogmáticos numa reprodução incessante de narrativas adotadas como verdades fundantes de toda a realidade.

Na era digital, as construções e instituições históricas se deslocam. A própria produção da vida, com suas dinâmicas e regras, assume novos modos de produzir, circular seus produtos e aplicar suas riquezas. O capitalismo se deslocou, explica Ladislau Dowbor (2020). A religião segue o mesmo roteiro e se depara com grandes desafios de adaptação de seu *ethos* e de seu *logos* na vida que vai se tornando cada vez mais *on-line*. Da mesma forma, a política se reconfigura e rompe com os padrões tradicionais e as regras institucionalizadas (Gomes, 2025).

a) - Deslocamentos do fundamentalismo

Como outros segmentos culturais, a tendência cristã fundamentalista também se desloca para as dinâmicas digitais. Por se tratar precisamente de uma tendência e não de uma instituição/igreja, mostra hoje seus deslocamentos: a) dos territórios confessionais para os territórios digitais inter e supraconfessionais; b) de pressupostos dogmáticos cristãos para pressupostos teológico-políticos; c) da rejeição às abordagens modernas que confrontavam com textos bíblicos para a rejeição da modernidade secularizada; d) do apelo à salvação individual à salvação das crises históricas atuais; e) da mediação central das lideranças religiosas para a mediação de lideranças políticas escolhidas por

Deus; f) da oposição entre os salvos (da igreja) e os condenados (do mundo) para a oposição entre os amigos e inimigos de Deus; g) da fé na salvação providenciada por Deus à libertação dos inimigos por meio das guerras simbólicas e reais.

b) – Afinidades

Os deslocamentos do fundamentalismo para o mundo digital seguem uma tendência comum da cultura atual e encontram neste ambiente um chão fecundo à sua expansão. Postura fundamentalista e dinâmica digital se encontram e se afinam de forma eficaz e configuram um jeito de ver e viver a crença religiosa em fundamentos fixos e dogmáticos. A categoria “afinidade eletiva”, sugerida e utilizada por Max Weber (1996, p. 64), cobra uma análise que seja capaz de explicitar as vigas que permitem o trânsito fecundo de um território cultural para outro. As afinidades eletivas se concretizam na medida das possibilidades de confirmação mútua de duas configurações distintas (Löwy, 1989, p. 15), ou seja, de uma retroalimentação entre o conjunto ou as partes, de distintas configurações em determinadas circunstâncias; do contrário, estabelece-se a exclusão mútua ou o mero paralelismo entre os que permanecem como distintos e diferentes. Só podem afinar-se aqueles que se encontram em espacialidades, temporalidades, circunstâncias e forças centrípetas coincidentes. São somas de variáveis combináveis que oferecem vantagem mútua para sobreviver e reproduzir cada qual dos sistemas envolvidos. O paradigma fundamentalista gestado em tempos distantes e desenvolvido em um processo de adaptação permanente se encontra ambientado em uma nova configuração que, apesar de inédita e disruptiva, encaixa em sua lógica aquele paradigma hermenêutico. Não se trata, por conseguinte, apenas de mais um instrumento de divulgação da interpretação fundamentalista das escrituras, mas de uma recriação deste paradigma hermenêutico, agora por dentro da dinâmica cultural digital.

c) – Recriações

A popularização do fundamentalismo alcança, portanto, uma dimensão significativa nas atuais redes sócio-virtuais. Como outros conteúdos digitais, opera na dinâmica da comunicação global, na homofilia individualista, na segregação das bolhas e na separação entre os de dentro e os de fora do grupo. O apelo aos fundamentos seguros vem ocupando espaço na vida individual-coletiva de modo paradoxal; expressa ao mesmo tempo a experiência da centralidade da autonomia individual/individualista vivenciada como satisfação consumista e solidão social, e a busca de saída na adesão a regimes de verdade que oferecem a regra fixa e segura (Elzo, 2016, p. 19).

O retorno aos fundamentos anteriores e superiores às crises atuais rompe com valores e instituições consideradas basilares da vida coletiva: volta ao fundamento do social no modelo tradicional/patriarcal de família, volta ao fundamento da identidade na etnia, volta ao fundamento político no nacionalismo e volta ao fundamento de toda a realidade em Deus (Castells, 2018, p. 38).

1º Fundamentalismo homofílico

A infocracia (Han, 2022) rompe com as formas clássicas de fazer política e dissolve o espaço público em um volume imensurável de informações que circulam sem donos, sem extensão e sem profundidade. O sujeito que compunha e atuava no espaço público deu lugar ao individualismo que opera pelo princípio da homofilia. Esse *modus operandi* sustenta-se sobre a ilusão da autonomia, que, na verdade, se encontra capturada por uma objetividade informativa regida por sujeitos distantes, anônimos e artificiais. A hermenêutica homofílica integra de modo massificante o indivíduo internauta com o regime coercitivo dos conteúdos infocráticos. O fundamentalismo opera de modo natural nessa dinâmica, na medida em que é potencializado em sua hermenêutica que conta com o indivíduo seletivo que escolhe da narrativa bíblica a passagem – de um versículo a uma narrativa – já previamente disponível como verdade em algum sítio da internet. A circularidade fechada entre indivíduo-texto já compunha a leitura fundamentalista clássica, uma vez que pressupostos dogmáticos condicionavam as escolhas e, evidentemente, as interpretações.

Em termos hermenêuticos, os pré-conceitos da leitura já coincidiam com os conceitos do texto, sem qualquer “fusão de horizontes” (Gadamer, 1999, p. 457) possível. O regime de verdade absorve o indivíduo no ato de leitura e confirma, ao mesmo tempo, seus sentimentos crentes. O processo e o resultado é a reprodução hermenêutica em um ciclo coercitivo que já não distingue a percepção individual da literalidade selecionada.

O princípio da homofilia permite agora ao indivíduo leitor a facilidade e a agilidade com as quais não contava antes na relação presencial indivíduo-texto. A cada toque digital o internauta acessa a narrativa desejada, mas, antes, a cada toque recebe a narrativa desejada e a reproduz como verdade para suas redes de afinidades. Os algoritmos ocupam cada vez mais o lugar dos intérpretes religiosos especializados que ofereciam os pressupostos da leitura supostamente literal. A operação algoritma confirma postura daquilo que o usuário prefere que seja verdadeiro: no caso, a verdade revelada, imediata e segura, capaz de oferecer a segurança em meio ao oceano de informações. A verdade inerrante contida no texto bíblico torna-se uma oferta totalizante que dispensa a dúvida em um contexto lotado de verdades concorrentes. Trata-se de “[...] uma narrativa unitária totalizante, abrangente, protetora, que corresponde ao desejo de ouvir o que se deseja porque já pensa assim, seja contra quem pensa diferente [...], seja com aqueles que pensam da mesma forma [...]” (Charaudeau, 2022, p. 149-150). A crença digital encontra sua tradução mais perfeita na fé na verdade fixa e segura que dispensa outras verdades como falsas, desnecessárias e perigosas, incluindo verdades de ciência.

2º O fundamentalismo e a verdade atemporal

A vida digital é experimentada como uma vertigem do tempo. O instantâneo virtual não conhece distância espacial ou temporal em suas narrativas veiculadas aos borbotões. O império do agora absorve o internauta na infodemia e o dispensa de qualquer discernimento sempre trabalhoso, do ponto de vista teórico ou político. A

relação direta entre indivíduo-mensagem dispensa qualquer mediação consciente que pondere as fontes (porque são sempre verdadeiras), que localize os autores (porque se identificam com as próprias mensagens), que distinga as temporalidades (porque são sempre boas notícias reveladoras).

É no fluxo estonteante do império do presente que as informações são recebidas-reproduzidas e, em seguida, assimiladas. Não parece ser outro o princípio mais básico do fundamentalismo clássico: a crença em uma mensagem atemporal contida no texto, uma vez que se trata de um texto que se identifica com a revelação imediata de Deus atuante no próprio ato de leitura pela assistência do espírito. Não pode haver, no caso, as ponderações de tempo que distinguem o texto produzido no passado e o leitor presente. A verdade eterna é revelada no instante da leitura. O conceito de tempo contínuo próprio da experiência mítica conforme exposto por Mircea Eliade (1992, p. 59-87) encontra seu correlato nessa hermenêutica atemporal ou anacrônica.

Na leitura digital, o texto bíblico disponível é uma norma atualíssima, ela ensina de modo imediato e instantâneo, assim como as demais mensagens digitais; são normas a serem aplicadas nas opções diárias como expressão direta da vontade divina. A verdade atemporal advinda de Deus pela revelação do texto sagrado é operada como dom disponível em todo momento na caixinha digital e mágica das mensagens; as passagens reproduzidas pelos Algoritmos são veredictos que confirmam e selam as convicções crentes dos indivíduos-grupos como espaço de atuação do sagrado, acima de todas as informações que possam negar ou discordar da verdade onipresente no tempo e no espaço.

Por outro lado, se desde as suas origens o fundamentalismo oferece uma hermenêutica autossuficiente, fundada no princípio da revelação imediata na verdade através do texto, criando, assim, um mundo paralelo a muitas evidências científicas, na dinâmica virtual este paralelismo autossuficiente participa de um verdadeiro universo *on-line* que dispensa o mundo *off-line* como referência concreta de verificação das ideias e como vivência de consensos e valores clássicos. O universo bíblico, com narrativas, cenas e afirmações, oferece modelos prontos e perfeitos a serem adotados no aqui e no agora, a despeito de todas as construções históricas consideradas decadentes ou falidas.

3º O fundamentalismo das guerras culturais

O fundamentalismo religioso foi sempre o pai de todas as guerras. A eliminação do diferente necessita sempre de uma razão superior para que possa ser operada de forma legítima e, até mesmo, obrigatória. Enzo Pace explica que a violência é um componente do fundamentalismo, uma vez que entende as ações de enfrentamentos contra os que persistem no erro como um ato de amor (2017, p. 17) para trazê-los para o grupo da verdade e dos salvos.

A separação entre os eleitos de Deus e os seus inimigos instaura uma consciência endocêntrica que separa a tribo eleita das demais. Vale lembrar que Karl Popper entendeu o avanço do nazifascismo como concretização de uma lógica tribalista de fundo religioso que integra de modo imponderável o indivíduo na supremacia do grupo que, por sua vez, se entrega à certeza de um final redentor da história (1958, p. 25). As

versões diversas de sociedade fechada que se entende como oposição aos inimigos têm configurado sua forma mais inédita nas redes sociovirtuais. Nesse ambiente, as guerras culturais adquirem seu formato mais ágil e eficiente, como luta de narrativas que são construídas como rejeição ao diferente (Rocha, 2021, p. 107-126). As fobias diversas já desenham e fixam pautas globais em relação aos migrantes, aos homossexuais, aos islâmicos, aos comunistas, aos pobres etc. As bolhas criam a supremacia de suas verdades sobre toda e qualquer verdade de julguem dispensável ou falsa, ainda que componha os consensos mais tradicionais das regras civilizacionais ou científicas. Uma vez construídos os inimigos, só resta evitá-los pela força espiritual (batalhas espirituais) e pela força física (as guerras históricas).

Nessa interseção entre os mundos virtual e físico, as traduções políticas das batalhas espirituais são efetivadas nos territórios da extrema direita, onde se ambientam nas batalhas concretas que oferecem saídas para as crises históricas da democracia liberal. A relação estruturante entre *crise-promessa-líder* disponibiliza o roteiro da salvação dos eleitos quando a palavra do líder realiza o que promete (Passos, 2024, p. 17-32).

O fundamentalismo digital opera com a oposição entre os de Deus e os seus inimigos. As versões religiosas podem mudar, mas a luta entre o bem e o mal é a mesma: a devoção a São Miguel Arcanjo avança entre os grupos pentecostais católicos, assim como entre os tradicionalistas; as versões bíblicas das batalhas entre Israel e os seus inimigos são cada vez mais utilizadas pelos pentecostais evangélicos. As cenas de batalha espiritual disponibilizadas por determinadas narrativas bíblicas encontram sua tradução imediata nos embates ideológicos entre posturas/grupos/líderes de viés autoritário ambientados na extrema direita.

As guerras virtuais e espirituais não se reduzem ao mundo sobrenatural *on-line*, mas descem até o mundo *off-line* e encarnam em batalhas concretas e corporais, com arsenal bélico concreto. Nesse sentido, as guerras culturais, fundamentadas nas guerras espirituais, buscam formas de concretização em guerras físicas. As armas espirituais têm seus correlatos físicos que eliminam efetivamente os inimigos concretos que rondam perigosamente as famílias (as feministas e os homossexuais), os grupos (os comunistas), as igrejas (a Teologia da Libertação, a Doutrina Social da Igreja, O Papa Francisco), as nações (os imigrantes, os pobres) e o Ocidente (os imigrantes orientais, os islâmicos). A violência simbólica e física tem sido uma das políticas dos grupos de extrema direita e encontra seus fundamentos dogmáticos nas batalhas espirituais. O mandado divino é sempre uma ordem a ser obedecida pelos crentes fiéis.

4º O fundamentalismo da teologia do domínio

O comando divino da natureza e da história faz parte dos imaginários religiosos de um modo geral e compõe o centro mais profundo do imaginário judaico-cristão que oferece um substrato da própria cultura ocidental. A história do cristianismo ocidental foi feita de idas e vindas teocráticas quando, no fundo da relação sempre tensa entre os poderes espiritual e temporal, subsistiu a consciência da onipotência divina e da necessária tradução política por meio de líderes escolhidos para exercer tal missão.

A chamada Teologia do Domínio é a versão política mais radical – mais caricata e mais eficiente – do fundamentalismo digital diretamente afinada com posturas, projetos e lideranças de extrema direita. Embora constitua uma teologia que possui raízes distantes na tradição neocalvinista (Carvalho, 2006) e opera com diversidade de modelos e frentes, tem ganhado publicidade e adesão popular, sobretudo nos segmentos pentecostais.

As reflexões da missionária pentecostal Landa Cope são emblemáticas de uma fase dessa prática fundamentalista, quando ainda não era explícito o atual viés político disponível nas redes sociovirtuais. O modelo apregoado é o de um modelo social oferecido pelo Antigo Testamento que seria o caminho para “discipular as nações” (2021). A operação de transposição direta dos supostos modelos para nossos dias conduziria à superação de todas as crises do mundo moderno em todas as suas esferas (econômica, política, educacional, eclesial, comunicacional, esportiva, artística).

Na fase seguinte às mudanças sociais pautadas em textos veterotestamentários, a Teologia do Domínio concentrou-se em narrativas políticas que se constroem na sequência *crise-salvação-líder*. O avanço de grupos e sujeitos “evangélicos” na política por meio das bancadas parlamentares e de líderes escolhidos por Deus para salvar as nações da grande crise gerada pela ausência de Deus em todas as esferas da vida.

No contexto de emergência e avanço de políticas de extrema direita, as teologias do domínio têm fornecido munição e justificativa teológica sob o signo das guerras espirituais entre o bem e o mal. O que se encontra configurado é uma expressão clara de fundamentalismo político que: a) seleciona e recorre a narrativas políticas do Antigo Testamento sobre a eleição de Israel e as guerras contra seus inimigos; b) afirma a escolha e unção divinas de líderes defensores de Israel, com destaque para o Rei Davi; c) professa a vitória escatológica de Jesus a partir do Israel moderno; d) soluciona toda crise com a implantação do Reino de Deus, supostamente, de um Reino cristão que implantaria uma nova ordem no mundo decadente.

A teologia do domínio (Passos, 2025) reedita, por meio de leituras fundamentalistas de passagens bíblicas, os antigos domínios da cristandade. A mesma perspectiva integrista que não admite a separação moderna das ordens sobrenatural e natural, religiosa e histórica e política e eclesial, está posta em marcha, agora não mais por meio de lideranças tradicionais, como no passado, mas por meio de lideranças carismáticas que emergem de dentro das crises anunciadas como caos iminente.

Considerações finais

O fundamentalismo digital cristão expressa com seus códigos a fase atual de uma cosmovisão antimoderna afirmada por frentes políticas conservadoras e de projetos de extrema direita. A hermenêutica fundamentalista sintoniza-se com o retorno a parâmetros pré-modernos e oferece mais uma vez a verdade bíblica inerrante como repositório de modelos capazes de livrar a sociedade atual da decadência em que se encontra. A crença comum na falência dos projetos e instituições modernos configurados na democracia liberal faz confluir o político e o religioso na mesma perspectiva salvadora dos mundos particularizados dentro do mundo global.

Na atual fase o fundamentalismo rompe, portanto, com as fronteiras consolidadas do individualismo, do eclesiocentrismo e do espiritualismo, marcos definidores do evangelismo e configura quadros de leitura e militância social e política. O que constituía uma hermenêutica de uso eclesial torna-se hermenêutica política. Nesse sentido, poder-se-ia falar em fundamentalismo *político-digital*. Trata-se de uma hermenêutica que constitui uma âncora para as posturas e projetos políticos disruptivos que trazem de volta programas e governos de extrema direita.

A ancoragem em uma verdade absoluta revelada por Deus permite amparar e garantir: a) as informações digitais reproduzidas como verdade pelas bolhas sociovirtuais; b) as informações como marco inquestionável que separa os falsos dos verdadeiros; c) a verdade disponível ao alcance das mãos que digitam como base inabalável que permite dispensar critérios de verificação dos conteúdos veiculados; d) a experiência de uma verdade imediata e atuante no presente, por meio de um líder virtual ou robótico.

Em termos operacionais, as técnicas digitais permitem: a) a universalização do uso de referências bíblicas por parte de um número ilimitado de indivíduos; b) a universalização de doutrinas subjacentes às narrativas bíblicas selecionadas e divulgadas com o auxílio da Inteligência Artificial; c) a ampliação dos vínculos em torno de conteúdos morais e políticos comuns, para além de territórios confessionais clássicos.

Em termos sociais, oferece um esquema de segurança: a) diante de uma crise aguda a ser superada; b) na identificação da causa dos males, o mundo moderno com suas instituições falidas; c) por meio de novos modelos políticos e morais capazes de oferecer solução.

Assim como outras expressões da era virtual, a hermenêutica fundamentalista adquire novas dinâmicas que desafiam as regras estabelecidas ao deslocar do confessional para o público, do doutrinal para o histórico, do soteriológico para o político. A verdade bíblica revelada e inerrante se encontra disponível de modo ilimitado como fragmento da verdade total acessível a todos como modelo de salvação do mundo em crise.

Bibliografia

ALLPORT, Gordon W. *La naturaleza del prejuicio*. Buenos Aires: EUEBA, 1971.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: companhia das letras, 2001.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CARVALHO, Guilherme Vilela R. de (Org.). *Cosmovisão cristã e transformação*. Viçosa: Ultimato, 2006.

CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CESARUBI, Leticia. Populismo digital. In SZAWAKO, José-RATTIN, J. Luiz. *Dicionário dos negacionismos no Brasil*. Recife; CEPE Editora, 2022.

- CHARAUDEAU, Patrick. *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. São Paulo: Contexto, 2022.
- COPE, Landa. *Template social do Antigo Testamento: redescobrimo princípios de Deus para discipular nações*. São Paulo: Quatro ventos, 2021.
- CRUZ-STEFANI, Kalianka. Crenças, filtros-bolhas e ódio na internet. In: SANTAELLA, Lúcia (org.). *Inteligência Artificial & Redes Sociais*. São Paulo: Educ, 2019.
- CUNHA, Magali do Nascimento. Fundamentalismos. In: SZAWAKO, José-RATTIN, J. Luiz. *Dicionário dos negacionismos no Brasil*. Recife; CEPE Editora, 2022.
- DOWBOR, Ladislau. *O capitalismo de desloca: novas arquiteturas sociais*. São Paulo: Edições Sesc, 2020.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELZO, Javier. *¿Quién manda e La Iglesia? Notas para uma sociologia del poder em La iglesia católica del siglo XXI*. Madrid, PPC, 2016.
- EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FERRARI, Polyana. *Como sair das bolhas?* São Paulo: Educ, 2018.
- FERRIN, Emilio G. *A angústia de Abraão: as origens culturais do judaísmo, do cristianismo e do islamismo*. São Paulo: Paulus, 2018.
- FINCHELSTEIN, Federico. *Uma breve história das mentiras fascistas*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FRANCISCO. *Encíclica Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Obras Completas 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e terra/Unesp, 1990.
- GOMES, Wilson. *Transformação da política na era digital*. São Paulo: Paulus, 2025.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. São Paulo: Unesp, 2014.
- HAN, Byung-chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Petrópolis: Vozes, 2022.

- LÖWY, Michel. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa ocidental*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- PACE, Enzo. A avalanche Incontrolável e Violenta dos Fundamentalismos. In: PACE, Enzo et al (org.). *Fundamentalismos religiosos, violência e sociedade*. São Paulo: terceira Via, 2017.
- PASSOS, J. Décio. A salvação da pátria amada. In: PASSOS, J. Décio & SANCHEZ, Wagner L. *A salvação da pátria amada: religião e extrema direita no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2024.
- PASSOS, J. Décio. *Teologia do domínio e usos de deus na política*. São Paulo: Ideias & Letras, 2025.
- PAXTON, Robert. *Anatomia do fascismo*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2023.
- PEREIRA, Eliseu. *Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação entre evangélico-política do bolsonarismo*. In: Projeto história, São Paulo, v. 76, jan-abr. 2023. <https://revista.pucsp.br/index.php/revph/article/view/60331/42102>
- POPPER, Karl. *A sociedade democrática e seus inimigos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- ROCHA, João C. de Castro. *Guerra Cultural e Retórica do ódio: Crônicas de um Brasil Pós-político; Guerra Cultural e Retórica do ódio: Crônicas de um Brasil Pós-político*. Goiânia: Caminho, 2021.
- SALGADO, M. de Mattos. Inteligência artificial; bolhas e polarização nas redes sociais. In: ISANTAELLA, Lúcia (Org.). *Inteligência Artificial & Redes Sociais*. São Paulo: Educ, 2019.
- SANTAELLA, Lúcia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri: Estação das letras e cores, 2018.
- SIM, Stuart. *Impérios das crenças: por que precisamos e dúvida no século XXI*. São Paulo: Loyola, 2009.
- TAMAYO, Juan J. *Fundamentalismos y dialogo entre religiones*. Madrid: Trotta, 2004
- TORREY, R. A. (org.). *Os fundamentos*. São Paulo: Agnos, 2005.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Presença, 1996.

Recebido em: 17/12/2025

Aprovado em: 30/04/2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: João Manuel Duque e Victoria dos Santos Bustamante.